

RESISTÊNCIA COLORIDA: Movimento LGTTB na América Latina*

“Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre
não poder dar amor a quem se ama
sabendo que é a água
que dá à planta o milagre da flor.”
(MELLO, 2001: 104)

Levando em consideração que “não existe abordagem unitária da sexualidade nas Ciências Sociais” (LOYOLA, 1999:32), desenvolveremos uma reflexão a partir do movimento de resistência que tem sido construído em locais específicos de diversos países, em especial da América Latina, e se articulado internacionalmente em busca de direitos à comunidade LGTTBs (Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais).

Queremos apontar para algumas experiências bastante concretas daquilo que Parker (2002) fez referência: a “homossexualização global”, defendida por Dennis Altman, que se refere ao fato dos processos globais terem afetado a vida cotidiana dos homossexuais de diversos países do mundo. Entendemos que estes processos globais, influenciaram de múltiplas formas esse grupo social, inclusive no que diz respeito a concretização e ou militância política. Por isso, a “homossexualização global”, enquanto característica da modernidade, foi claramente percebida no “V Fórum Social Mundial” que ocorreu neste ano em Porto Alegre/RS. Lá aconteceram muitas atividades que abordaram politicamente

* DUQUE, Tiago. *Resistência Colorida*. Texto apresentado para conclusão da disciplina “Temas em Ciências Políticas Contemporâneas”, professora responsável: Regina Congilio Borges”, no curso de Ciências Sociais da PUC Campinas. 2005.

a sexualidade, em especial a sexualidade de LGTTBs; como pudemos presenciar nas ações realizadas pela “Comisión Organizadora del Teller Latinoamericano ‘Jóvenes LGTTB em Movimientos Políticos y Sociales’” que caracteriza-se como:

“Jóvenes LGTB en Movimiento, es una posibilidad entre tantas muchas, de construir espacios libertarios donde podamos luchar, reír, trabajar, bailar, imaginar, crear y resistir. Queremos ser parte de la grieta que nos permita divisar detrás del muro, los otros mundos posibles, ese conjunto de sueños que alienta a diario la fuerza vital que nos mantiene en movimiento.” (Publicación..., 2005:1)

Esta comissão é composta por instituições do Peru (Raiz Diversidad sexual e Instituto Runa), do Chile (Sindicato Nacional de Trabajadores Lesbianas, Gays y Bisexuales Luis Gauthier) e da Argentina (Asociación Contra la Discriminación Homosexual). As experiências compartilhadas entre esses militantes latino-americanos LGTTBs apontaram para críticas em relação a Direitos Humanos que não têm sido respeitados em diferentes localidades do mundo, não evidentemente restritos a prática segura e legítima da diversidade sexual. Também foram abordados as temáticas: “Reflexiones sobre los crímenes de Homofobia en el contexto de la violencia política y la necesidad de recuperar La memoria”, especificamente diante da realidade do Peru; e “el tratado de libre comercio, una espada de Damocles sobre la Cabeza de tod@s: Miradas críticas desde la diversidad sexual.”

Entendemos que este movimento internacional de resistência tem começado a responder o desafio apresentado por PARKER (2002):

“Talvez a principal questão seja a de saber se seremos capazes de construir a política de identidade de modo a transformá-la em uma política de solidariedade – uma política capaz de dar atenção não só à nossa dor e ao nosso sofrimento, mas também à dor e ao sofrimento dos outros, sujeitos às múltiplas formas de opressão, exploração e injustiça que foram geradas pelo sistema mundial contemporâneo”. (PARKER, 2002:305)

Pensando o Brasil neste contexto podemos citar o Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção a Cidadania Homossexual “Brasil sem Homofobia”, mesmo com todas as críticas que tem sofrido dos militantes devido sua baixa eficácia em relação a políticas públicas e a alterações na legislação nacional. No item “Promoção de ações” deste documento lê-se em relação a “Cooperação Internacional”:

“Promover articulações e debates com vistas na criação de instrumentos de proteção de direitos sexuais e reprodutivos no âmbito das instituições do Mercosul e da OEA. Para isso, deverá mobilizar esforços, em consulta permanente com a sociedade civil, a fim de reunir apoio em outros países nas Américas para iniciativas nesse campo.” (CONSELHO..., 2004:21)

Reconhecendo que

“Na sociedade humana, o sexo constitui, ainda, um instrumento poderoso de criação de vínculos sociais e, ao mesmo tempo, uma constante ameaça às regras estabelecidas.” (LOYOLA, 1999:34)

e não esperando a concretização do que citamos do documento “Brasil sem Homofobia”, os movimentos sociais voltados para a diversidade sexual no Brasil integraram-se com a ILTGA-LAC – Asociación Internacional de Lesbianas, Trans y Gays de América Latina y Caribe, participando de sua III Conferencia Regional, em Santiago de Chile no ano de 2004, juntamente com militantes de mais dez países Latino Americanos: Honduras, Nicarágua, Cuba, México, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Argentina e Chile. É a “sociedade civil internacional” citada por Thompson (2001), formada por “povos que compartilham interesses e associações que cruzam fronteiras”. Porém, cabe lembrar que este mesmo conceito de “sociedade civil internacional” é questionado teoricamente por SADER (2005), que afirma ser o espaço nacional o referencial, ainda que sejam ações de caráter internacional. Contudo, SADER (2005) não deixar de reconhecer a existência de fenômenos deste tipo.

Esta relação internacional de militantes LGTTBs, a qual temos chamado de “Resistência Coloria”, devido ao seu símbolo ser o arco-íris, tem objetivado uma divulgação de estratégias políticas que têm dificultado o domínio das mais diversas ações da globalização nesses países. Podemos verificar que essa espécie de rede da diversidade sexual é reflexo de ações locais de militantes LGTTBs que estão ligados a outros movimentos de resistência; neste sentido, como exemplo brasileiro podemos citar os movimentos sindicais, os diversos conselhos municipais e alguns partidos políticos; espaços onde a diversidade sexual tem tido visibilidade e fomentado discussões políticas, culturais e

ideológicas de resistência à globalização e ao neoliberalismo. Consideramos porém, o que alertou THOMPSON (2001):

“apesar da retórica da globalização, a maior parte da população mundial vive em mundos fechados, confinados pela loteria de seu nascimento.”(THOMPSON, 2001:281)

Esta constatação nos traz a consciência de que a “Resistência Colorida” é impensável em muitos países ou em pequenas sociedades, mesmo na América Latina.

Ainda com este desafio posto, o movimento LGTTBs, ou “de homossexuais”, foi considerado “hostil à globalização neoliberal” por SADER (2005), devido ter a “disposição de construir, conjuntamente, um projeto global alternativo ao modelo vigente.” (SADER, 2005:60).

Como ícones de vitória da resistência apontaremos dois exemplos. O primeiro, como afirmou a “Comunidad Homosexual Argentina – CHA”, justifica que “en el origen de nuestra lucha está el deseo de todas las libertades.”, pois trata-se da Lei de União Civil decretada na cidade de Buenos Aires, promulgada em 17 de janeiro de 2003, que possibilitou a primeira União Civil da América Latina entre as pessoas do mesmo sexo biológico no dia 28 de agosto de 2001. O segundo exemplo é o público de 2,5 milhões de pessoas, segundo os organizadores, na 9ª edição da “Parada do Orgulho GLBT” da cidade de São Paulo, no dia 29 de maio de 2005 na Avenida Paulista, colocando o evento da cidade brasileira no topo

das maiores “Padaras Gays” do mundo. É fundamental lembrar que a motivação da “9ª Parada” paulistana é a reivindicação de direitos civis negados à população LGTTB no país, ainda que o caráter festivo tenha tido maior reconhecimento pela imprensa nacional (SCHIVARTCHE, 2005).

Acreditamos, enfim, no que destacou SADER (2005);

“Somente o resgate do espírito de solidariedade internacionalista pode propiciar uma política que reverta as leis do comércio mundial, de forma a revalorizar as vidas humanas e suas culturas acima do capital e dos seus lucros” (SADER, 2005:68)

E, concluindo, reconhecemos que a sexualidade pensada em sua rica diversidade tem sido um meio de resgatar, pelo menos a partir da “Resistência Colorida”, parte desta solidariedade lembrada pelo autor.

Bibliografia

CONSELHO Nacional de Combate a Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004

HIST, Paul e THOMPSON, G. **Globalização em Questão: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade**. Petrópolis, Vozes: 2001.

LOYOLA, Andréa M. **A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas**. In: HEILBON, Mari L. (org.). *Sexualidade: O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Zahar: 1999.

MELLO, Thiago de. **Poemas preferidos pelo autor e seus leitores**: edição comemorativa aos 75 anos do autor. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil: 2001.

PARKER, Richard G. **Abaixo do Equador**. Rio de Janeiro, Record: 2002

PUBLICACIÓN de la Comisión Organizadora del Taller Latinoamericano “Jóvenes LGTB em Movimientos Políticos y Sociales” Em el V Foro Social Mundial Porto alegre – Brasil. 2005.

SADER, Emir. **Os porquês da desordem mundial: mestres explicam a globalização**. São Paulo, Record:2005.

SCHIVARTCHE, Fábio. Parada *Gay* tem ampla presença feminina. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. C1, 30 mai. 2005.

www.cha.org.br